

EXPLORAÇÃO E ESTUDO  
DO  
VALLE DO AMAZONAS

RELATORIO

APRESENTADO

Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Conselheiro  
Dr. José Fernandes da Costa Pereira Junior,  
Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Agricultura,  
Commercio e Obras Publicas.

POR

*J. Barbosa Rodrigues.*

Em Comissão Scientifica pelo mesmo Ministerio.

RIO DE JANEIRO  
TYPOGRAPHIA NACIONAL  
1875.

467-76.

0.2  
918  
2696

MINISTERIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES  
DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL  
BIBLIOTECA

NUMERO	DATA
232	19-5-51

29 - 7/2/46

MINISTERIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
IMPRESA NACIONAL
EXIBIÇÃO
NUMERO
29
4-2-46

## RIO TROMBETAS.

Depois da exploração dos rios Urubú e Jatapú, dirigi-me para Manáos, onde precisava demorar-me para pôr em ordem, e fazer os trabalhos de gabinete que sempre resultam depois de viagens; porém, assolando a variola a população d'ahi, vi-me obrigado a passar para a cidade de Obidos, na provincia do Pará. Concluindo-os precisava emprehender nova viagem, porém continuando a peste em Manáos, dirigi meus estudos para outro ponto. O rio Trombetas é que me offerecia mais largo campo para investigações scientificas, por não ter sido explorado por nenhum naturalista, á excepção de R. Spruce, que pouco o navegou e nenhuma noticia deu. Duas viagens de algum proveito, tinham-se ahi feito, é verdade, porém só de uma ha conhecimento citando a outra, porém ambas só foram feitas na parte inferior do rio, e consignam algumas inexactidões: uma até a foz do Sapucuá, e outra até o lago Mura. (1)

(1) « A região occidental da provincia do Pará, » por D. Ferreira Penna.

Em Setembro de 1867, estando na presidência da provincia o Sr. conselheiro, vice-almirante De Lamare, fez outra viagem a este rio, o reverendo missionario frei Carmello Mazarino acompanhado pelo tenente coronel Manoel Geraldo do Carmo Barros, então commandante do forte de Obidos, chegando até o ponto em que cheguei, porém, como seu fim era outro, nada resultou dessa subida, a não ser algumas almas regeneradas pelo baptismo. Conhecida, apenas, uma pequena porção do rio pelos regatões, unicos que se atreviam então a subir mais, não davam comtudo estes informações exactas. Temido, pelo grande *mocambo* ou *quilombo*, de pretos fugidos de diversos lugares da provincia, conservava-se sempre mysterioso, guardando os regatões, a chave deste mysterio, que por conveniencia exageravam os perigos que ahi corria o individuo que tentasse exploral-o.

Desprezando os riscos, que diziam-me ia correr, preparava-me para a exploração, quando fui convidado pelo meu amigo o Sr. Carlos Barrington Brown, Sq. distincto geologo, chefe da commissão scientifica ingleza, que explorava o Amazonas, pondo á minha disposição o seu vapor, para junto á mesma commissão, eu subir o rio.

Com effeito no dia 24 de Fevereiro embarquei, tendo por companheiros o Dr. James W. H. Trail, botanico, William Lidstone, engenheiro e desenhista e o mesmo chefe, no pequeno vapor *Beija-Flôr*, fretado pela mesma commissão.

As 9 1/2 da manhã deixei o porto de Obidos, e subi o Amazonas, costeando a sua margem esquerda e demandando a foz do rio Trombetas que ahi desagua pouco acima da extincta colonia militar de Obidos, a 6 1/2 milhas da cidade. Por um delta de duas bocas, formadas por duas ilhas se lança elle no Amazonas. Deixando a primeira, denominada *Maria Thereza*, e por mim já conhecida, quando explorei o lago Curumú, entrei pela boca principal, que dista da primeira apenas uns 200 metros.

Descreverei o rio, apresentando o que tem de notavel, em suas margens, e deixarei para o fim deste a descripção geographica, que melhor será entendida pela planta junta.

O rio Trombetas que é o *Oriximina* ou *Uruchimina*, ou ainda *Uruchiuine* dos nossos autochthones, é celebre, pela fabula das Amazonas, inventada por Francisco Orelhana, que disse ahi as encontrara, habitando então as cercanias. Tendo dellas já tratado, em escripto separado, nada mais direi e só de passagem tocarei, quando alguma cousa com ellas tiver referencia. Hoje é notavel esse rio, não pelas suas recordações historicas, mas por ser o principal rio da Guyana Brasileira, na provincia do Pará e pelo facto de ser tambem o refugio dos escravos fugidos, constituindo o primeiro e maior mocambo do Brazil, respeitado e temido por uns e especulado por outros.

Não fazendo aqui consideração alguma, entrarei na descripção do rio, deixando estas para sempre que se offerecer occasião.

A perspectiva para aquelle que entra pela foz do rio, não sendo imponente ou deslumbrante, é comtudo agradável e bonita.

A vegetação que cobre a baixa peninsula que fórma a margem direita na foz, é coberta por tantas e tão variadas plantas sarmentosas, que cobrindo aqui as arvores, por outro lado cobrindo troncos seccos e por toda parte se estendendo, fórma uma densa mata, se bem que, rarefeita de grandes arvores. A margem esquerda ou antes a ilha que ahi se apresenta dividindo o rio coberta pela mesma vegetação, é comtudo orlada, por um grande listão de gramineas (canaranas e murys) que mais para o interior estende-se tanto, que fórma uma linda campina, d'onde se eleva uma ou outra cecropia. Até ao fim da ilha, isto é, a 5 milhas da foz, onde entra o braço *Maria Thereza*, sempre a mesma scena, que varia d'ahi para cima. Na divisão das aguas uma bonita ilhota só de canarana e embaubas, embelleza o lugar. D'ahi para cima continuando as margens baixas,

começa a mata a ser mais cerrada e elevada; começando a apparecer em mais abundancia as *cecropias* e a predominar na margem as *caparideaceas*, com seus lindos racemos vermelhos, apparecendo tambem uma ou outra soqueira de *bactris rivularis*, sp. nob.

Na margem direita, antes de chegar-se a esta divisão do rio, apresenta-se uma pequena abertura, que não é mais do que um canal que vem do lago Murerú-uacá.

(1) Nesta mesma margem, acima deste lago e a 7 1/2 milhas da foz com a boca para N E se apresenta o grande lago Parú, ponto das grandes pescarias de pirárucú, nos mezes de Setembro e Outubro e onde outr'ora houve os pesqueiros reaes, nos quaes trabalhavam obrigados gentios de diversas localidades.

Acima da entrada do segundo canal, fica na mesma margem esquerda o lago Kirikiri (2) que corre quasi paralelo ao rio, separado por terras baixas. Mais consiravel do que este é o lago Itapicurú, que tambem na mesma margem tem a sua communição com o Trombetas, distante daquelle 1 1/2 milha.

Leva o rio sempre a mesma largura, de 1/4 de milha, com a margem esquerda mais baixa, mudando-se um pouco a vegetação; desapparecem quasi as *cecropias*, que são substituidas pelo *triplaris*, apparecendo muito a *putyra-tauá*, uma *bignonia* que tambem cresce nas margens do Amazonas, com grandes pendões de flôres amarellas.

A 21 milhas da foz, vem este rio trazer um tributo d'aguas pelo canal Cachuiry, que lança suas aguas barrentas pela margem direita, a quasi duas milhas abaixo dos lagos Iruriá, na mesma margem e Iripixy, que fica na margem opposta, com as aberturas que tem para o rio, fronteiras uma da outra. A margem direita d'ahi para cima abaixa-se tornando-se alagadiça, até ao lago Epáua-pixuna, (3) emquanto que a outra eleva-se; for-

(1) Murerú, planta do genero *pontederia*, e uacá habitação (habitat.)

(2) Silencioso.

(3) Epáua, lago; pixuna, preto.

mada de argilla amarella, apresentando uma ponta denominada Uruá-tapéra, (1) que fica fronteira á foz do igarapé Sapucú. (2)

Subindo ahi ao alto da ponta Uruá-tapéra, onde começam as terras da companhia de navegação do Amazonas, pude apreciar o lindo panorama que se desenrola, e conhecer a vegetação que mais predomina ahi. Em frente, á foz do Sapucú, com suas aguas barrentas, destacadas das negras do Trombetas por longo espaço; para N O o formoso lago Jacupá (3) que por uma larga aberta se communica com o rio e no fundo formando o horizonte a serra do Sacury. (4) Essa massa immensa d'aguas, lago e rio, dividido este por duas longas ilhas, orlada de verdejante vegetação, torna esse lugar um dos mais pittorescos.

Tendo na minha descida explorado tambem o Sapucú, para não interromper a ordem que vou seguindo, já o descreverei.

Sabe do Amazonas um canal de 50 metros de largura, denominado Caldeirão, onde desagua um pequeno braço do Yamundá chamado, Caquinho, continuando desse ponto, com o nome de Bom Jardim, até sahir novamente no Amazonas. Deixando-se o Caldeirão e continuando-se pelo Caquinho, encontra-se com o rio Yamundá que na sua passagem, recebe aguas do lago Sapucú continuando d'ahi com o nome de igarapé Sapucú com o qual desagua no Trombetas, tornando-se assim o Yamundá affluente deste.

Entrando-se pela foz do igarapé Sapucú, fica este separado pelo lado direito, do lago Jacupá, onde desagua o igarapé Sacury, por uma estreita península, que o margina em todo o seu primeiro rumo que é o de O S O.

Voltando depois para S O vê-se ao longe tambem

(1) Uruá mollusco deste nome, e tapéra, corruptela de taua quera aldeia extincta.

(2) Corruptela de Capucú, especie de alforge.

(3) Corruptela de Jaci passaro deste nome e epáua, lago.

(4) Corruptela de Sacury ou Sucuryú, cobra.

marginando-o a serra do Sacury, a qual do Trombetas tambem se avista pelo N O. D'ahi em diante sendo mais risonha a paisagem e mais variadas as perspectivas, do que as do Amazonas, tendo comtudo a mesma vegetação das margens dos paranás deste. O *astrocaryum murumirú*, sempre coberto de *philodendros*, e outras aroideaceas, os *salix Martiana* e *Humboldtiana*, as *cecropias*, as *bombax* e os *Eriodendros*, que é tão peculiar nas terras banhadas pelas aguas do rei dos rios, aqui apparece carectisando-o, n'um sólo baixo, alagadiço, com as margens cobertas de canarana e mury que tambem em grandes ilhas ondulam na superficie das aguas. A pouca largura do igarapé, a mudança constante de rumos, os accidentes das margens e a pouca elevação das mesmas, tudo isto contribue para que atravessia por ahi seja uma das mais bellas, para aquelle que viaja o Amazonas. As diversas palhoças que apparecem, umas entre a mata, outras á beira rio, estas cercadas de canaranas, aquellas n'um campo, e muitas outras que formam outras tantas paisagens dignas do pincel de um grande artista, contribuem para a belleza.

Uma grande ilha divide o canal em dous braços, que depois se unem, e seguem para S O onde entrando este para O, emquanto o igarapé se dirige para S S O atravessa uma larga planície alagadiça, coberta de canarana que cobre uma boa porção da entrada do lago, de maneira que parece um grande campo cortado de regatos. Este canal que une o lago ao igarapé tem 5 milhas de extensão. A extensa massa d'aguas, cujo horizonte confunde-se com o firmamento, é imponente. A vista procura achar o fim do lago, porém uma linha confusa, só nos mostra o azul das aguas confundido com o do espaço.

Costeando-se a verdadeira margem esquerda, é ella contornada pelo centro pela serra do Uaymi, (1) que morre justamente onde começa a elevar-se a dos Cunurys; (2) que é a mais elevada que em todo Trombetas

(1) Velha.

(2) Nome dos indios que ahi habitavam, que no tempo das Amazonas deram tambem nome ao Yamundá.

apparece, que a seu turno acaba formando uma ponta que se avança pelo lago já com o nome de serra da Chinela. Na margem opposta que é baixa estão as fazendas de gado, cujo numero sóbe a muitos milhares de cabeças. Estende-se este lago todo para O tendo aproximadamente de fundo 15 a 20 milhas e de largo 4 a 5. E' a parte mais povoada do rio Trombetas. A serra dos Cunurys, que é abundante de castanha e breu, ainda apresenta vestigios em fragmentos de louça dos antigos Cunurys e Uabóys, indios que ahi habitavam, celebres no conto das Amazonas.

Pelo tempo da enchente, as aguas estravasam, formam grandes igapós, que depois ficam a secco orlados de lindas praias e grandes restingas. O arroz bravo (*oriza*), que cobre ahi muitos lugares, cujas sementes ficam na terra durante o verão, é sempre o annunciador da cheia quando começa a germinar. Voltando-se do Sapucúa, e entrando-se no Trombetas, depois de ter-se estudado geologicamente o terreno da foz deste rio até esta junção, vê-se que a antiga foz do mesmo rio era ahi; passando o Amazonas, por onde estão hoje as terras baixas por elle depois formadas. Facto notavel, o Amazonas têm diminuido consideravelmente o seu volume, e tão sensivelmente, que o genio observador do indigena o tem notado.

A natureza d'ahi para cima muda-se; o rio alarga a 2 milhas, e formam-se ilhas no seu centro. Tres, sendo duas ahi notaveis, se apresentam logo; a da Jacitara (1) e Caypurú. (2) A primeira começa em frente á península do Sacury, e termina defronte do igarapé Parauacú (3), com 3 milhas de extensão, correndo quasi parallela á segunda, que é pequena, e a terceira começa 1 milha mais acima; corre por defronte do lago Caypurú, e termina quasi defronte da boca do lago Achipicá, que desagua na margem direita. Nesta extensão o terreno

(1) Palmeira do genero *Desmoncus*.

(2) *Cay*, macaco; *purú*, bonito.

(3) Nome de um macaco, *Pithecia hirsuta*.

para o interior em ambas as margens é montanhoso. Uma longa península estende-se da ilha do Caypurú para cima, dividindo o rio em dous, quando se torna ilha pelas grandes cheias, e terminando na foz do rio Cuminá. Mais detalhadamente tratarei dessa porção comprehendida entre a foz do Sapucá e da do Cuminá, extractando algumas notas do meu diario.

Subindo o rio encostado á margem esquerda, deixando o braço principal correndo além das ilhas, cheguei ás 5 1/2 horas da tarde, á foz do Igarapé Parauacú, onde na sua margem direita fica um sitio de tapuyos. A's 6 horas da tarde, hora em que fundeámos em frente ao mesmo sitio o thermometro marcava a temperatura da atmospherá 84° Farnh., e d'agua 82°. D'ahi olhando-se para o Trombetas a perspectiva era magnífica, illuminada pela dubia luz crepuscular. Ahi na classica rede passei, gozando uma das bellas noites de luar do Amazonas.

No dia seguinte, ás 6 horas, subimos o rio Parauacú, por espaço de 2 milhas. A temperatura era então de 79° Farnh. Corre este rio com pequenas flexões, para N O S O S O por entre margens baixas, cobertas de cerrada mata, onde se distingue a *Maximiliana regia*, o *Enocarpus distichus* e o *astrocaryum Jauary*. A sua largura é de 30 metros pouco mais ou menos, durante as curvas, até que a final alargando-se, espraia-se formando igapó, que só dá passagem a canóas.

Ahi parando o vapor, tomámos uma montaria e atravessámos o mesmo igapó, onde a vegetação que predomina é composta de *lecycthis*, *malpigheas*, *byrsonima*, *wulshlagea* (acapuraua) onde sobre algumas crescem *bromelias*, *brassavolas* e *galeandras*. A tiririca navalha cobre em muitas partes as arvores. Algumas palmeiras ahi crescem como a *Bactris rivularis*, sp. nob. e o *Astrocaryum Jauary*.

Procurando a terra firme na margem direita, desembarcámos e penetrámos pela floresta que ahi é humida se bem que um pouco elevada.

Diversas madeiras de lei ahi crescem, principalmente

o páo d'arco (tecoma) e *muirá-parajuba* (mimusops) muitas palmeiras crescem á sombra da floresta onde tambem cresce com ellas algumas *spigelias* o *astrocaryum mumbaca*, o *cyogrus cocoides*, o *desmoncus mites* o *ænocarpus minor*, formam um lindo palmetum onde só procura beber luz, acima da copa das arvores o *ænocarpus distichus*.

Neste palmetum, n'um solo coberto quasi que de *bromelias*, encontrei uma especie e uma variedade novas, ambas com fructos maduros, muito proximas uma da outra e tambem da *Bactris acanthocarpa*. A especie, é uma palmeira mediocre, acaule, com folhas indivisas, profundamente bifida no cume, aproximando-se no porte á *B. bifida*. Mart. mas afastando-se nos fructos que são quasi iguaes e muito semelhantes as da *acanthocarpa*, afastando-se o spadice do desta em ser erecto e aculeado. Tendo sido vista primeiro pelo meu companheiro de herborização, o Dr. Trail, denominei-a *Trailiana*, para perpetuar essa nossa jornada.

A poucos passos desta encontrei a variedade em questão, que tendo tambem o spadice, spatho e fructos iguaes, á *B. acanthocarpa*, afasta-se della no habitus. E' acaule, a disposição dos foliolos é diferente, assim como a sua fórma. Denominei esta *B. acanthocarpa var. excapa*, não querendo considerá-la especie, por se afastar sómente nos caracteres que apresentei, porque nas flores femininas que observei, pequena é a differença.

Depois de ter percorrido mais de duas milhas, pela floresta sobrevivendo chuva voltamos.

Ao meio dia o calor era intenso, a temperatura chegou a 85° Farnh.

Continuando a viagem, a duas milhas da foz do Parauacú, seguindo sempre pela mesma margem, chegámos ao lago Caypurú, que não é mais do que uma profunda enseada, que ahi faz o rio para leste, habitada por tres familias de *mocambistas*. Passando este continua a margem sempre baixa, e começa d'ahi em diante o espaço do rio, comprehendido entre a península de que já fallei e a terra firme, a denominar-se Xiriri. Para quem na-

vega sem pratico, este braço da margem esquerda, por entre as ilhas, e depois o profundo sacco formado, pela península, engana o navegante, pois parece ser a continuação do rio.

Um igarapé ahi desagua, com o nome de Castanha, onde apparecem algumas rochas de grés ordinario, deste ponto continua a enseada já com o nome de Curupyra, (1) e vai terminar a uns 300 metros distantes da margem esquerda o rio Cuminá, com o qual se communica no inverno, por um estreito canal, chamado furo dos Ratos, quando a cheia é pequena ou se confunde quando é grande.

Voltando d'ahi, costeámos a península, no fim da qual atravessámos para o Trombetas, sendo neste lugar a corrente forte.

O rio que ahi é mais largo, tem a sua margem direita montanhosa e accidentada para o interior, emquanto que a costa ora é elevada, ora alagadiça, por detraz da qual ficam os lagos Camichá (2) e Tapicháua (3).

N'um sitio que ahi fica sobre uma elevação, parámos para fazer-se observações.

Acima deste sitio, fica a foz do lago Achipicá, que explorámos na volta mas que desde já tratarei delle.

Não é mais do que um braço do rio que entra para SO, aproveitando-se da baixa do terreno, dividindo-se depois em dous, um que segue este rumo e outro que se dirige para o sul. Ambos terminam logo, encontrando-se com as terras elevadas.

Ahi na margem direita ha um cemiterio, indicado por uma cruz tosca levantada no meio de um pequeno roçado.

Segue-se pelo braço do S, e uma pittoresca cascatinha ahi se apresenta, separando o lago de um extenso campo.

Entrando no campo, que não é mais do que uma vasta planície arenosa, salpicada de pequenos capões (4) a

(1) Genio malevolo.

(2) Camisa.

(3) Vassoura.

(4) Curruptela de caá, mato e paan, ilha.

sombra dos quaes medram algumas *gramineas*, *bromelias* e *epidendrums*, não crescendo no espaço varrido pelo sol senão alguns *paepalanthus*, comecei a percorrel-o em diversas direcções. Era um verdadeiro Sahara, tal era o calor que ahi se sentia, não havendo arvores, que fizessem sombra, porque as que formavam os capões eram baixas, rachiticas; a temperatura era excessivamente elevada.

A vegetação dos capões compõe-se de *anarcadium humile*, de *plumeria phagedenica*, não desenvolvidas, como nos campos de Santarém, algumas *rosaceas*, *myrtaceas*, assim como *lycopodios*.

A' sombra dellas, crescem tambem diversas especies de *musgos*, dos mesmos que se encontram nos campos do rio Urubú.

Extenuado voltava, quando, atravessando a floresta, uma nova palmeira, veio pagar-me as fadigas desse dia.

Era do genero *Bactris*, mas tão distinctos eram seus fructos, que considerei como a melhor especie encontrada em toda a minha excursão.

E' quasi acaule, tem o habitus quasi igual ao da *B. macrocantha*, Mart. mas, as foliolos são differentes e os fructos não têm, não só no seu genero, como na familia outros semelhantes na estrutura do epicarpio, que é a mesma dos da *bixa orellana*, dos de algumas *taberna-montanas*, ou do *Ricinus communis*. Quando immaturos são de uma côr carminea-amarellada e depois roxos, e muito doces.

Lembrando-me de minha esposa, da companheira de trabalhos e fadigas, que comigo tem afrontado rios insalubres e perigosos, que não me acompanhava então, por motivo de molestia, não pude deixar de dedicar-lhe esta especie; denominei-a *B. Constantiæ*, tirado do daquella que, comprehendendo a missão da mulher casada, busca com seu marido partilhar os gozos, os trabalhos e os perigos, a que sempre se expõe o naturalista em lugares desérticos, assolados de indios e antmaes feroces.

O meu illustrado amigo, o muito Revd. conego Luiz

Barroso de Bastos, lendo as observações a esta especie, no meu *Sertum palmarum*, accrescentou o seguinte: «*Hic, subnotando, mihi liceat admodum distincte brasiliensi D. Constantiae Barbosa Rodrigues tributum, meae admirationis pro tanta Constantia gratissime redere.*»

Nessa mesma floresta ainda outra palmeira não descrita, veio para o meu herbarium, augmentar a meu *Sertum palmarum*.

Com o habitus da *bactris pectinata* Mart. afasta-se comtudo della pelas cerdas avelludadas, que cobrem a parte inferior dos foliolos, aproximando-a assim da *B. Negrensis*, Spruce. Desta circumstancia tirei-lhe o nome especifico, dando o de *B. setipinnata*.

Passando-se a foz do Achipicá, onde o rio estreita-se um pouco, apparece na mesma margem, a do lago Sumaúma; desapparecendo já ahi os *triplaris*, e raras vezes apparecendo as cecropias, que sahem de terras alagadiças, cobertas de vegetação de igapó, bordados de *oriza*, que forma um longo listão por toda a margem. Sobre as *myrtaceas*, que formam a orla da vegetação, donde se destacam os *Astrocaryums Jauarys*, crescem *centrozemas* de flores brancas.

As aves, não animam a natureza com seus cantos; a unica que apparece é a cigana (*oppistocumus cristatus*).

Pouco acima, apparece na margem esquerda, o maior affluente e guicá o mais rico, o rio Cuminá, cuja foz fica na lat. S 1°—34'—0" e na long. O do Observatorio do Rio 12°—58'—2", a 50 1/2 milhas distantes da foz do Trombetas. Ahi, pouco acima da foz, no sitio de um tapuyo, que fica na margem direita de um estreito canal, (3 metros) que une o Cuminá ao Curupyra, passámos a noite e fizemos observações. Defronte da foz desagua o lago Upeteua (1).

O Cuminá, apresenta a sua foz de 1/4 de milha, para S O, tendo logo acima, duas grandes ilhas, que o divi-

(1) *Upé*, planta da familia Cabombaceae e *teua* corruptella de *tyba*, muito.

dem em tres canaes, tendo a que mais se avança para a foz a extremidade de S O. denominada ponta do Cação. Ambas as suas margens são baixas e alagadiças.

No resumo geographico, que no fim deste farei, melhor tratarei deste affluente.

Passada a foz do Cuminá, o rio começa com rumos pequenos, a formar torcicollos, levando a largura de 1/2 milha; com a margem esquerda baixa e a direita mais elevada, sendo um pouco montanhosa, para o centro. Por detrás de um sitio que existe nesta margem, ha um lago pequeno, pittoresco, denominado Palhal, nome tirado da grande quantidade de palmeiras do genero *Atalea* que ahi crescem.

Neste lago encontrei algumas *utricularias*. Acima deste um longo canal, dá entrada para um outro lago chamado Cayrimú. Entre a vegetação da margem opposta e as montanhas que correm quasi parallelas a ella, vê-se uma grande baixa, formada pelo lago Aracuan. Passando-se as montanhas, duas fozes se unem para lançar-se no rio formadas por um igarapé e a boca do Bacabal.

Trese e meia milhas acima do Cuminá, o rio parece dividir-se em dous, porque afflue ahi com uma larga boca, formando uma grande bacia na margem direita, o lago Batata. O rio continuando no mesmo rumo que traz, estreita-se comtudo ahi muito; de maneira que não parece ser a continuação do mesmo. Diversos sitios ahi se avistam pela margem esquerda, habitados por tapuyos.

As margens que são baixas, são embellezadas, pelas gigantescas copas do *oriidendrum sumauma*, que de longe em longe apparecem, para quebrar a monotonia desse manto de verdura, formado por *ipomaeas*, *allamandas*, *caparis* e outras plantas sarmentosas.

- Uma profunda enseada, impropriamente denominada lago Muçurá, encontra-se na margem esquerda, limitada ao N por algumas montanhas baixas.
- Na margem opposta, a 16 milhas do lago Batata, fica o ponto deste rio, até onde chegou, ha annos o vapor



*Monarcha* commandado pelo capitão tenente Parahybuna dos Reis, unico que o explorou até ahi.

E' o denominado lago Mura, ou dos Muras, por ter ahi, em tempos idos, havido uma maloca, dos mesmos gentios.

D'ahi para cima, só o aventureiro regatão se animava a subir, não levando comtudo longe o seu itinerario depois que frei Mazarino foi levar a religião ao mocabo.

Tres milhas acima, apresenta-se na margem esquerda a pittoresca foz do lago Aripecú, com meia milha de largura, ornada a ponta de leste com um lindo jauarisal, no meio da qual um banco de areia, impede a entrada do lago a grandes vapores, sem pratico, que não conheça o canal. Tem de largura este lago 2 milhas pouco mais ou menos, estendendo-se para o N, onde é circumdado de montanhas e para O, onde desagua o rio Aripecú, que é muito encachoeirado. Diversas ilhas, como a das Garças, do Cameleão, da Cigana, do Calafate e do Capitary, matizam o lago, que pela vasante formam outras tantas praias de fina areia branca, com uma vegetação baixa e amarellenta, propria de lugares arenosos. E' este muito abundante de castanhas (*Bertholetia excelsa*) que cresce não só nas terras firmes como nas ilhas. E' o ponto de reunião dos regatões, que ahi vão annualmente nos mezes de Fevereiro a Abril, comprarem o producto do trabalho dos mocambistas, que nesse tempo descem das cachoeiras e vem vender, não só o tabaco que fabricam e castanhas que apanham nas terras abaixo das cachoeiras, como trabalharem no apanho das mesmas castanhas para elles, que pagam com ninharias ou generos por preços fabulosos.

Vi ahi castanheiras, que oito homens não abraçavam. Fallando no apanho destas frutas, convem dizer o meio empregado nesse trabalho. Do meu trabalho sobre as «plantas medicinaes, tanniferas, oleiferas, balsamicas e fibrosas» extraio o seguinte:

No tempo em que amadurecem os fructos, isto é de Dezembro a Maio começa a colheita, que é feita

com toda a cautela, porque desprendendo-se os fructos de uma extraordinaria altura, pelo seu peso que ás vezes chega a quatro libras, toma uma velocidade que chega a entarrar-se no chão, conforme a natureza do terreno, e, se por acaso apanha a cabeça de qualquer individuo, mata-o instantaneamente como tem acontecido.

« Geralmente fazem uma pequena coberta de palha, proxima ao castanhal, que limpam por baixo e sob ella esperam os collectores que tenham cahido todos os fructos maduros, depois dos galhos serem agitados pelo vento, ou sahe, apanha os fructos que cahiram e recolhe-se logo á coberta, onde, emquanto espera que caiam outros, occupa-se em partil-os e extrahir as castanhas. Assim por dias consecutivos, empregam-se muitas familias, que vão para as florestas, a procura deste producto, que uns vendem aos alqueires e outros reduzem a oleo. A maior parte para evitar trabalho, vendem as castanhas apenas tiradas dos ouriços, e assim são ellas exportadas; porém outros, muito poucos, preferem reduzir-as a oleo, para o que seguem este processo:

« Tiradas as castanhas dos ouriços, são levadas ao fogo para serem assadas, e quando o estão, quebram o endocarpo e separam a amendoa, que assim é muito saborosa. Levam as amendoas a um pilão, seccam e mettem a massa em um tipity, que pela expressão dá um bonito oleo fixo, amarellado e transparente que applicam á iluminação, aos usos culinarios e no fabrico do sabão branco. Ainda apuram outro oleo mais limpido e sem gosto empireumatico, não assando-se as castanhas, e pisando-as mesmo cruas.

« Este oleo assim preparado é o mais proprio para comer-se e substitue perfeitamente o oleo de amendoas, servindo tambem para toucador.

« Este processo ainda simples, da extracção do oleo, se fosse aperfeçoado e, se, se empregasse as machinas proprias para esse fim, offerceria não só maiores resultados na purificação, e quantidade, como seria um ramo

de industria, que pagaria bem as fadigas do empreendedor. Machinas simples, são hoje empregadas na Europa, que com pouco dispendio seriam aqui montadas. »

Deixando estelago, um dos maiores, e sahindo novamente no rio, apresenta-se ahí a margem esquerda mais elevada, apparecendo vulgarmente o *Eriodendrum summauma*. Aproximando-se a noite, ás 6 horas da tarde entrei pela foz do lago Yukiry-uacu, (1) que dista, 26 milhas do Aripecu, desembocando na mesma margem. Um canal de 30 metros pouco mais ou menos, muito tortuoso, leva o explorador, por entre uma fechada mata, que borda as margens, ao lago.

As *Leopoldinias pulchras*, que em grandes extensões cobre a parte inundada, e as *Maximilianas regias*, que d'entre as cerradas plantas sarmentosas sahem, com suas magestosas frondas, dão a essa travessia um aspecto sobremodo pittoresco. O lago sem ser muito extenso, é comtudo salpicado de ilhas das quaes a principal é a do Diamante, nome que recorda, o achado de um pequeno crystal que passou por diamante. Estende-se para O e ao N vem por outro canal que fórma uma grande ilha, unir-se ao primeiro quasi no ponto em que desemboca. Algumas montanhas baixas correm a N O do mesmo, o que quebra a monotonia da falta de grandes accidentes nas margens.

Tres sitios ahí encontrei, habitados por pretos fugidos, (mocambistas) e por uma familia tapuya desgraçada pela elephantiasis dos gregos. Em frente deste sitio fundeámos.

Observando ahí a temperatura d'agua, para comparal-a com a do rio, achei 83° Farnh. neste e naquelle 78°, emquanto a da atmospherá era de 85°.

Ainda sendo dia, desembarquei, encontrando só a familia, e abandonadas as casas dos mocambistas, que com a nossa chegada fugiram, observando comtudo nos seus movimentos.

(1) Yukiry, pavão; uacu, grande.

Certos depois, que nenhum mal lhe fariamos começaram a apparecer.

Quando desembarquei, preparava uma das mulheres doentes, o oleo de piquiá (*caryocar brasiliense*) pelo seguinte processo:

Das frutas bem maduras tirava o epicarpio e mesocarpio, aquecia-os um pouco em uma vasilha e mettia essa massa dentro de um tipity, expremendo-a. Corria então um lindo oleo amarello, muito transparente, porém de um cheiro um pouco nauseante, que se concretou logo que a temperatura baixou tornando-se esbranquiçado. Alguns derretem a massa ao fogo e apuram o oleo.

Empregam-o geralmente só para luz. Pelo mesmo processo vi ahí extrahir-se tambem o do uixi-pocu (1) (*miristica sebifera*. Mart.) que é mais amarello, muito transparente não concreto e com a mesma applicação.

Com alguns mocambistas, que poucos dias antes haviam descido das cachoeiras, conversei e deram-me informações dessa região.

Percorrendo no dia seguinte as suas roças, encontrei signaes de extincta maloca, nos numerosos fragmentos de louça que haviam espalhados. Entre esses fragmentos encontrei alguns com fórmãs de animaes, entre elles um representando bem a cabeça de um jacaré. No dia seguinte depois de correremos o lago, continuámos nossa derrota.

O rio continuá com o mesmo aspecto e vegetação, desembocando nessa mesma margem mais dous pequenos lagos, denominados Cabeçudo e Yukiry, que para Leste é circumdado de montanhas. Pouco acima apparecem duas grandes ilhas, Uarumã-duba (2) e dos Encantados, onde abunda o *Desmoncus*, a *Euterpe oleracea*, e *maranthas* sendo marginadas por *gramineas*. São as duas maiores, ilhas que se encontram, depois de passada a foz do rio Cuminá, em cujo espaço só apparece uma outra, porém

(1) Uixi, comprido.

(2) Uarumã, planta do genero *Marantha*, *duba* corruptella de tyba muito.

pequena, entre os lagos Cabeçudo e Palhal. Communica-se este com o rio por uma pequena boca na margem direita, passada a região montanhosa, que apresenta a mesma margem até o lago Jukiry-naçu. Defronte da segunda ilha, um outro lago apparece, com o nome de Mácué. Tendo encontrado ahi um bando de araras, canindés que espantadas esvoaçavam gritando, e não tendo nome essa ilha dei-lhe o nome de ilha das Araras.

No espaço interceptado pelas ilhas o rio alarga-se muito e apresenta bonitas perspectivas. Estreitando-se depois vem mais um contingente de aguas trazidas do lago Arrozal, que supponho estender-se por algumas milhas paralelo á margem, que é baixa e denota a presença de aguas ahi. Continuando o rio com o mesmo aspecto, recebe na margem direita um pequeno affluente denominado Agua Fria, acima do qual quatro milhas apresenta-se a boca do lago Tapagem que pela cheia ahi fórma uma ilha.

Termina ahi nesse lago o extenso rumo, que começa na foz do Cuminá, com diversos pequenos elementos, para O.

Ahi fundeando ainda cedo, fui á terra á casa de uns mocambistas que ahi moravam; e que me confirmaram as informações que já tinha e deram-me outras, para as quaes sua longa pratica e estada nesse rio, de 35 annos, os habilitava.

Personificado vi ahi o amor da liberdade. Dous pretos, dous irmãos, Antonio e Miguel, esqueletos ambulantes, com a neve de mais de setenta annos de existencia, sobre a cabeça; nós, trabalhando sem poder, arrostando os perigos de travessias de cachoeiras, sempre sobresaltados, preferindo a vida infeliz que passamos, ao socego e descanso de que são merecedores, debaixo do poder de seu senhor. Aconselhando-os que voltassem ao seio da familia que abandonaram, que eu garantia-lhes obter a sua liberdade, responderam-me antes a vida de animal em liberdade, do que o bem estar no captiveiro. Descrentes, pela vida sempre de enganões que passam, no trato com os regatões, não acreditaram na promessa que lhes fiz.

O lago Tapagem, é pequeno, estende-se para o N rodeado ao O por uma costa montanhosa, onde encontro a *Geonoma pycnostachis*; uma variedade do *Cyagrus cocoides*, algumas *geaster*, *helosis*, e uma *macradenia*.

Passando parte do dia ahi, notei que grande variedade de trepadeiras havia, cada qual com uma estrutura mais curiosa, das quaes fiz uma bonita collecção.

Dizendo adeus aos velhos mocambistas, segui viagem.

O rio que do Aripécu para cima, começa a ser habitado pelos que ahi tem suas palhoças, para passarem o tempo da colheita das castanhas, dahi para cima torna-se mais animado pela constante presença de montarias dos mesmos, cruzando o rio, sahindo dos lagos ou nelles entrando.

Continuam as margens baixas; uma pequena ilha, (do Apuby), tira a monotonia da passagem; que pouco acima torna-se mais variada; desaguando na margem esquerda um lago e um rio com nome de Jacaré. Dahi começa o rio a alargar-se mais e a tornar-se menos profundo, sendo depois obstruida por duas pequenas ilhas, a maior denominada Ayurana, que se rodeiam de bancos de areia movediços, que occupam toda a largura do rio por longo espaço.

A profundidade das aguas, que até ahi dão passagem a vapores de grande callado, mesmo em meia enchente, ahi é tal que em alguns pontos nem a canoas o dão.

Grandes coroaes, poços profundos, alternando-se rapidamente, fazem com que não exista canale privem assim a navegação. Transposta esta barreira que occupa tres milhas, o rio torna a profundar-se e segue um longo rumo para N O.

Nesse rumo recebe o lago Uabóhy, onde a tradição diz que habitaram os gentios desse nome, contemporaneos das Amazonas, que fica na margem direita e o lago Cabeça de Preto, que na margem opposta apparece, rodeado a Leste por montanhas.

Dezoito milhas acima dos bancos de areia, e onde termina o rumo N O apparecem novos baixos; porém de pedras, denominando-se essa paragem Laranjal.

Previne o perigo á navegação, uma alta barranca de schisto que serve de baliza porque dahi a pequeno espaço começam as rochas de grés pela margem, que se estendem pelo leito do rio, onde a corrente já é veloz e o rio estreito. Desta barranca precipita-se uma linda cascata de um pequeno riacho que ahi corre. Desembarcando nesse ponto, e correndo a floresta, rica de castanheiras, encontrei ahi uma pequena palmeira do genero *Bactris*, não descripta por Martius, nem por B. Spruce, e que denominei *inermis*.

Seguindo em canoa, lutando com a corrente, examinei as diversas rochas, que formam as barrancas. São de grés, mais ou menos cimentadas pelo sesquioxido de ferro, nas camadas superiores, que em alguns lugares tomam a fórma de telhas pela acção do tempo. Sobre uma arvore que pendia sobre ellas encontrei um lindo exemplar do *Oncidium Lanceanum*.

O ruido da cachoeira dahi se faz ouvir distinctamente, apezar da curva que fórma o rio, que leva então a largura de 1/4 de milha.

Ao aproximar-se da cachoeira, a margem esquerda fórma praias, onde crescem abundantes as *eugenias* e *astrocaryum Jauary*. No fim do rumo O desagua na margem direita o lago do Mocambo, onde foi o primeiro refugio dos pretos.

A's 8 horas do dia 1.º de Março, cheguei á cachoeira denominada pelos mocambistas, Porteira, por ser a primeira, e de S. Miguel Archangelo pelo missionario de que já fallei. E' aprazivel o lugar. A corrente enovellada, transpondo as rochas que formam o fundo, no meio do rio, despejando-se por sobre outras; precipitando-se aqui, em caixões acolá, por um espaço de quasi meia milha, cercada de florestas, apresenta uma linda scena, que comtudo não é tão imponente, como a das cachoeiras do Tapajós.

Na curva que fórma o rio vindo para S E fórma-se á cachoeira correndo a linba da queda para O desemboçando ahi abaixo da pancada na margem direita, vindo de S O, um braço do rio Yamundá, denominado pelos

mocambistas rio de Faro. Este ao sahir no Trombetas tambem fórma uma cachoeira cuja linha de queda corre para o N.

Estas cachoeiras são propriamente grandes corredeiras, porque não formam quedas altas. A do Trombetas encostada á margem esquerda apresenta por espaço de 50 metros uma queda da altura de 1 metro, no espaço comprehendido entre uma pequena ilha pedregosa, coberta de vegetação e a mesma margem.

As rochas que formam o leito do rio são de grés. Uma densa mata baixa e humida margina-a pela esquerda onde passei o dia herborizando e com tanta felicidade que diversas plantas novas encontrei. Enriqueci o meu *Sertum palmarum*, com mais algumas especies, entre ellas as que denominei, *Bactris turbincarpa*, *xhantocarpa*, *setipinnata*. No genero *Lepydocarium*, achei uma nova especie, assim como uma variedade do *Astrocaryum acaule*, magestosa e caudescente, que dei-lhe o nome de *acanthopodium*. A *Bactris Carolensis*, de Spruce, a *Euterpe oleracea*, e a *Bactris acanthocarpoïdes* sp. n. descripta e achada por mim no Jatapú então em flôr, aqui encontrei em fructos. Tem esta especie o habito do *acanthocarpa* de Martius porém afasta-se na côr dos fructos que são amarellos e no spadice e flôres. Uma variedade tambem desta acaule, achei ahi que denominei *exscapa*.

Rico é o palmetum, que ahi offerece a mata, porém a especie mais distincta que tem é a *turbincarpa*, que cresce em soqueiras, e tem lindos fructos espinhosos, fuscos, muito doces.

Atravessa esta mata um largo ribeirão encachoeirado, que desagua pouco abaixo da cachoeira, sobre a margem do qual encontrei alguns *oncidium altissimum*. A' tarde quando sahi da mata acima da cachoeira, por ella descia uma canôa tripolada por mocambistas, que ouvindo alguns tiros, que davam meus companheiros na cachoeira, vinham saber o que significavam elles, visto como não estavam habituados a ouvir ahi tiros, e como

senhores do rio vinham ver quem ousava transpor os seus dominios.

Convem historiar aqui o que é o mocambo do Trombetas, esse fóco de criminosos, e desertores, que traz em continuo sobresalto os senhores dos escravos, aterroriza a população que podia estabelecer-se no rio, e faz com que tão grande seja a liberdade dada na provincia aos escravos que passa á licença. O senhor já não goza o trabalho do escravo, que faz o que quer, desrespeita-o, governa-se e, aquelle não o póde impedir por que um phantasma se lhe apresenta logo ameaçando-o com a perda do capital que tem neste empregado,—o mocambo.

Longo já é o viver dessa colonia, estabelecida á custa de muitos capitaes, extorquidos a senhores, individuos que muitos não tinham senão aquelles deixados por seus pais, representados em um ou mais escravos. Animados pela impunidade, de todas as partes da provincia affluem elles para o mocambo, havendo senhores que têm perdido assim mais de cem.

Havia longos annos que existiam nas cabeceiras do rio Curuá, dous mocambos, o do Inferno e o do Cipó-teua, que eram o terror dos povos da circumvizinhança, e o refugio de todos os escravos, até que em 1812, foi mandada uma expedição composta de praças de linha e milicias de Monte Alegre, Santarém, Alémquer e Obidos, e indios Mundurucus, a bater os mesmos. Comandava esta força o capitão de milicias Bernardo Marinho de Vasconcellos, indo com elle o juiz ordinario João Pedro de Andrade Freire. Chegando ao mocambo á noite puzeram-o logo em cerco que conservou-se até raiar o dia. Quando a essa hora os sitiantes se dirigiram para o lugar em que estavam reunidos os mocambistas, viram, por entre o mato, uma força armada e um preto ainda moço que ia ser justicado. (1) Ao lado desta estava

(1) Chamava-se Benedicto, e era escravo de Raymundo Sanches de Brito, pai do padre Antonio Sanches de Brito, nome muito conhecido pela revolta de 1835.

um preto africano aos pés do qual viram cair uma preta levada em lagrimas, implorar o perdão de seu filho; respondendo então com ar soberano o mesmo: « palavra de rei não volta atrás. » Mal acabava de proferir estas palavras, quando uma bala certa dos sitiantes deu o signal do ataque, estendendo morto o rei.

Batidos e por assim dizer exterminados então, visto como fizeram 100 prisioneiros, alguns mortos, dispersando-se o resto, começou a reinar o socego e a tranquillidade. Fugiam até então só os pretos africanos, porém em 1821, com a fuga de um carafuz, de nome Athanasio, escravo do major Martinho da Fonseca Seixas, acompanhado de mais quarenta companheiros e parceiros, veio a saber-se que novo mocambo havia. Foragidos pelas matas, os mocambistas do Curuá, vieram-se estabelecer no rio Trombetas; sabendo Athanasio isso seduziu alguns outros escravos, e subindo o rio foi-se unir aos fugitivos, fazendo seu mocambo no lago hoje do mesmo nome. Ahi chegando, soube grangear a amizade e tornar-se respeitado, de maneira que fez-se eleger governador ou maioral, e estabeleceu um governo despotico electivo, sendo elle senhor de braço e cutello, a exemplo do que praticavam no Curuá.

Com o volver dos annos, foi-se augmentando o numero de fugitivos, assim como a animosidade dos mesmos; que começaram a exercer uma especie de pirataria, em alguns pontos do Amazonas, recolhendo-se logo ao mocambo.

Em 1822 ou 1823, marchou para ahi uma forza, comandada pelo tenente Francisco Rodrigues Vieira, por antonomasia o Captivo, que bateu o dito mocambo aprisionando todos, até o rei Athanasio, que mais tarde tornou a fugir e fundou novo mocambo. Um anno depois, em Monte Alegre, na revolta do Cametáuáras morreu o tenente Captivo.

Pela revolta de 1835, desceu um grande numero delles, e vieram auxiliar os rebeldes, engrossando suas fileiras com novos companheiros, que aproveitando-se

com armas de fogo. Vivem mais da pesca do que da caça, que geralmente apanham em laços e armadilhas.

Cultivam a mandioca, de que fazem a farinha, o algodão e o tabaco, unico genero que fabricam e exportam. Um começo de nova povoação, já com oito casas, existe entre as cachoeiras Maniva e Baccaba, com o nome de *Campis*.

Além do trato com os brancos das povoações, negociam tambem por intermedio dos indios Arequenas, com os Tunayanas, Charumás e Piana-ghotós, que a seu turno commerciam com os Drios e estes com os mocambistas de Surinam. Com os Arequenas, que habitam o rio Caxorro, vivem alliados e usam os arcos que estes fazem. Ultimamente, receiando o ataque de gentios, que não conhecem e que tem-os atacado, estão se estabelecendo mais abaixo.

Havendo grande falta de mulheres, procuram as que precisam entre os Arequenas, que vivem mais ou menos dominados por elles, servindo não só de intermediarios, entre os das outras nações que habitam além das cachoeiras, como de *escravos*. Com os Piana-ghotós e Arequenas tive occasião de com alguns tratar, por intermedio dos mesmos pretos.

Avultado é o numero desses desgraçados que sobe a mais de 1000, comprehendendo a prole ahí nascida e creada, que monta talvez a dous terços, a avaliar pelas familias com que estive. Raros são os africanos que hoje existem, tendo só o districto de Obidos, ahí fugidos 73, sendo 44 homens e 31 mulheres.

Deixando de parte este assumpto, que fui levado a tocar, passo agora a fazer um rapido esboço geographico, baseado nas viagens do naturalista inglez R. Schomburgk, que chegou ás nascentes deste rio, e nas informações que recebi de velhos mocambistas, alguns muito intelligentes.

A dous grãos, pouco mais ou menos da Lat. N, corre a serra de Tumucuraque, de leste para oeste, e que nos serve de limites com as Guyanas ingleza e hollandeza, onde nas suas vertentes sul, entre 12° e 14° de longi-

tido. O do Observatorio do Rio de Janeiro; ficam as fontes do rio Trombetas.

Nasce este rio da confluncia dos rios Mahú e Capú, o primeiro tambem chamado Apiniau, por onde desceu Schomburgk, em 1838, depois de ter atravessado a serra.

O Mahú, formado de pequenos affluentes corre para S E e o Capú para S O, ambos nascidos em territorio brasileiro. Na mesma longitude de 12° com mais ou menos minutos para O, nascem: nas vertentes S da serra Tumucuraque o Capú e nas vertentes N os rios Aranató, Cutary e Cajuire, que, confluindo, formam o Curuny, affluente do rio Correntyne, que vai a Surinam. Na longitude de 14° a 15° nascem no territorio brasileiro o Mahú, e no territorio da Guyana ingleza o Esequibo, cujas nascentes são separadas por um alto monte, havendo nas cachoeiras do Mahú a taba dos indios Mahú-poytins. (1)

Entre as cabeceiras dos rios que formam o Correntyne e as do Capú, a 2° de lat. N fica a taba dos indios Drios, na Guyana, e um grão pouco mais ou menos ao S no rio Mahú, fica a dos indios Piana-ghotós. Em linha recta dista esta maloca de Surinam 400 milhas, pouco mais ou menos. A confluncia dos rios Mahú e Capú faz-se aproximadamente sobre o Equador, começando dahi a denominar-se Trombetas, seguindo para S S E, sempre encachoeirado até a lat. S 1° 6' 2" e long. O 14° 15' 1" em que termina a região das cachoeiras com a de S. Miguel Archangelo ou Porteira.

Os mocambistas, que vivem espalhados pela região encachoeirada, nunca passaram da cachoeira Fumaça, que é a ultima antes da confluncia, de que fica proxima. Por intermedio dos Arequenas negociam com os indios Tunayanas (2) que habitam proximo á confluncia, não longe dos Charumás, que a seu turno tratam com os

(1) Cabeça de ra.

(2) Tuna, agua yana, povo.

Piana-ghotós, estes com os Drios e mocambistas de Surinam. Os Piana-ghotós, Tunayanas e Charumás, costumam descer até aos mocambos, e mesmo parte da tribu dos Piana-ghotós, desceu e se estabeleceu nas cabeceiras do rio Aripecurú.

Deixo de tratar destes indios já, para não interromper a descrição geographica.

Nesta ordem, as principaes cachoeiras, da confluencia para baixo são: Fumaça, Canal, Baccaba, Maniva, do Mina, Caspacuro, Bigode, Caingro, Franco, Tira-camisa, Cajueiro, Jascury, Inferno, Tramalheté, Travá, Caxorro, Quebra potes, Vira mundo, Boto e S. Miguel ou Porteiro. Entre Bacava e Maniva, existe hoje um começo de aldêa, denominada Campis, e acima da Caspacuro foi a extincta Maravilha. Algumas são corredeiras, porém outras são altas e perigosas cachoeiras. A que apresenta maior queda, e que calculo em 120 palmos, pelas informações que me deram, é a da Fumaça cujo nome foi tirado dos vapores d'agua que se levantam a grande altura. A do Inferno occupa segundo lugar em altura; vindo a do Jascury occupar o terceiro.

Calculo em um gráo o espaço interceptado pelas cachoeiras, depois da confluencia. Neste espaço desaguam na margem direita, logo acima da cachoeira Fumaça, depois da barra do Mahú e Capú, o rio Turunú, habitado pelos Tunayanas, e o Caxorro, acima da cachoeira Viramundo. Um só affluente tem na esquerda que é o Caspacuro, que desemboca pouco antes daquelle. O rio que é todo encachoeirado, passada a Porteira corre mansa e tranquillamente, procurando o Amazonas, e deixando o rumo geral de S S E toma o de E S E dividido em 3 elementos, sendo por ordem geographica o primeiro para S E, o segundo para L, e o terceiro E S E 1/2 E todos com grandes flexões exceptuando o primeiro que quasi segue o mesmo rumo de S E. O curso total do rio até a confluencia, em linha recta, pôde-se calcular em 187 milhas sendo 60 do curso superior e 127 do inferior, tendo este no 1.º elemento do rumo 32<sup>m</sup>, no 2.º 58, e no 3.º 37; porém, só o curso inferior calculando-se as

distancias pelas voltas, tem da ultima cachoeira, ao lago Tapagem 29 milhas, dahi á foz do Cuminá, 65 1/2 e desse ponto á foz 40 1/2 o que dá 135 1/2 de curso.

Tendo deixado, como disse, a região alpestre, ou encachoeirada, entra na planicie, tranquillamente com um 1/4 de milha de largura, e com uma corrente que sendo a principio de 2 milhas por hora lança-se no Amazonas apenas com 1/2. O ponto mais largo do rio é entre o igarapé Sapucúa e a foz do Cuminá.

Notavel torna-se o baixo Trombetas pela circumstancia de ter ambas as margens, cobertas de lagos, alguns notaveis pela sua extensão e fertilidade. Os mais notaveis são: o Supucná, o Aripecú, o Parú, o Yuquiry-açú, e Achipicá, que se succedem por ordem de extensão; muitos outros, porém de que já tive occasião, de fallar, existem todos com communicação com o rio, e corrente, o que me faz crêr que são pequenos rios, que encontrando terras baixas expraíam-se e formam os ditos lagos. Notavel só tem um affluente que é o rio Aripecuru, que com o nome de Cuminá, desagua na lat. S 1° 34'—0" e na long. O 12°—58'—2", não fallando nos dous braços que lança o Yamundá, o primeiro com o nome do rio de Faro, com a foz para N E na 1.ª cachoeira e o segundo o denominado igarapé do Sapucúa.

O rio Cuminá, que é de agua preta, como o Trombetas, não é mais do que o rio Aripecurú, que mais ou menos corre paralelo ao Trombetas; tendo suas nascentes proximas á taba Piana-ghotó, descendo para o S por um terreno pedregoso, que o torna todo cheio de cachoeiras das quaes as principaes são: Cajual, Tremeterra (com tres quedas) e Inferno. Nesta cachoeira, desemboca pela margem direita o rio Pindoal ou Penecura, que vem de E N E.

Sahindo na planicie alarga-se e corre tranquillo, recebendo communicação do lago Jara-uacá onde desagua o rio Acapu. Acima deste lago, na margem esquerda entra um pequeno rio denominado Cuminá-mirim, que no inverno pelos igapós se une ás cabeceiras do rio Cu-

ruçambá desagua no Mamurú que se communica com o Amazonas, 10 milhas abaixo da cidade de Obidos, ficando esta por assim dizer em uma grande ilha. Abaixo do Jarauacá, duas grandes ilhas, alargam consideravelmente o rio que se dirige para O e se lança no Trombetas para SO. Ahi na margem esquerda fica o lago Salgado. As ilhas que terminam quasi na foz, fazem com que esta se estreitem a meia de milha largura. Da boca do Jarauacá para baixo, é que o Aripecura toma o nome de Cuminá.

Está este rio ainda virgem, e desconhecido habitado sómente pelos pretos fugidos que ahi formam outro mocambo, subdividido, e filial ao do Trombetas. Os principaes são o da Conceição e Nazareth, acima da cachoeira Cajual, e o do rio Penecura, todos communicando por terra com o Trombetas.

O baixo Trombetas orographicamente não é notavel, porque uma ou outra fita de montanhas que apresenta são baixas, não excedem a 300 pés de altura. As principaes montanhas são as do Curumú, e Cunurys.

Tendo feito este rapido bosquejo geographico mais duas palavras sobre sua parte ethnographica, não serão de mais.

Como disse, o alto rio Trombetas é habitado por diversos gentios, que são os Piana Ghotós, Charumás, Tunayanas e Arequenás. Os primeiros são baixos, reforçados, de uma côr pallida, cabeça grande, olhos muito rasgados, de expressão triste e cabellos negros e compridos, que trazem unidos e presos no alto da cabeça por um anel comprido de tecido de palha, ás vezes enfeitado de pennas miudas sahindo as pontas que cahem pelas costas. Usam tambem pulseiras e ligas de tecido de foliolos de palmeiras. São os melhores intermediarios entre os da Guyana. Suas casas são redondas e no centro da floresta.

Os Tunayanas, vivem com os Charumás no rio Turunú, e têm quasi que os mesmos habitos e estão ligados aos Piana-ghotós.

Os Arequenás, vivem no rio Caxorro, e tem quasi os

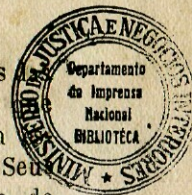
mesmos usos dos Pianas, differencando-se nas ligas e pernas, que são mais umas peneiras de palha do ligas. Os cabellos trazem mettidos dentro de uma pecie de cartucho feito de palha de palmeiras. Seus arcos que têm cerca de 2, m<sup>5</sup> de comprimento são de muirá-piranga emuirá-pinima. São lisos no lado da corda e carinados do opposto. Suas flechas são todas envenenadas.

Tendo descripto o rio rapidamente, quanto meu saber o permite, só resta-me dizer que é notavel pela uberdade de suas terras, em alguns pontos; pela grande cópia de productos naturaes, taes como, o oleo, breu, castanhas, etc.; além das madeiras para marcenaria e construcções naval e civil, de que é abundante. Pelo lado mineralogico, o baixo Trombetas é pobre, se bem que haja, quem já tirasse em 1833, uma amostra de ouro, nas nascentes do pequeno riacho que fórma cascata sobre a barranca de schisto, proximo ao Laranjal e de que já fallei.

Ao terminar este, cumpre-me fazer algumas observações sobre os mocambos, e sobre as febres paludosas. O mocambo é um fóco de males para a provincia, cuja conservação servindo de vergonha, só utiliza a poucos, em prejuizo de grande numero de individuos. O estrangeiro, quando ouve fallar do mocambo, faz uma triste idéa dos nossos usos e das nossas instituições.

A destruição senão completa ao menos quasi que total, hoje é facil, e entregaria á sociedade muitos homens livres, que vivem como feras, suppondo estarem no captivoiro; como tambem tornaria abastadas, familias que hoje estão quasi na miseria, por terem seus escravos todos no mocambo.

A lavoura inteiramente abandonada, assim como a industria que não existe, pela extracção da gomma elastica, que occupa quasi todos os braços livres, com a destruição delle, teria algum impulso, porque mais de 2000 braços sahiriam para o trabalho. O districto de Obidos e o de Santarém mais agricolas, lucrariam por isso muito levantando a lavoura do abatimento em que





vai cahindo. A destruição do mocambo, dará um exemplo aos captivos que na immoralidade vivem, não podendo ser corrigidos por seus senhores; e, fará com que não abandonem os mesmos, por saberem que serão capturados. Appropriado é o tempo da colheita da castanha, para esse fim, porque, tendo elles descido, facil é a sua captura. Relacionados como estão com os negociantes portuguezes, que de tudo dão aviso, porque são os unicos que com elles tratam, é mister um grande silencio sobre qualquer expedição, assim como muita presteza na execução della. Se me fosse permittido, emittiria aqui a minha opinião, e indicaria os meios de leval-a a effeito.

O rio Trombetas é desde tempos immemoriaes, notado como um dos mais assolados pelas febres palustres; que muitas vidas tem ceifado e que raro é aquelle que impune o viaja.

A causa principal do desenvolvimento das sezões ou febres palustres, que apparecem em alguns lugares, em certos e determinados tempos, e que em outros são constantes, é devida a um envenenamento produzido pelos vapores que se levantam nessas épocas, de materias pela maior parte vegetaes, em putrefacção, cujos effeitos são mais ou menos lentos, segundo o tempo de estada do individuo na região infectada, ou da força dos agentes chimicos que obram com mais ou menos intensidade pela natureza.

Como se sabe, as folhas, os troncos amontoados por muito tempo, em um clima quente e humido, e exposto á influencia simultanea do ar e da agua, com o correr do tempo decompõem-se e fermentam; resultado que é tanto maior quanto são mais abundantes as materias albuminosas ou azotadas. Dahi resulta a grande quantidade de acido carbonico que se desprende. A transformação que soffrem estas materias em decomposição formam então uma camada escura, chamada *humus* ou *terra vegetal*. Quanto mais nova é a mata, ou são os detricus della, tanto mais rapidamente se opera esta mudança, pela presença de mais seiva e de menos mate-

rias lenhozas, por conseguinte maior quantidade de substancias albuminosas ou azotadas, causa principal da decomposição.

As substancias albuminosas que tão grande papel representam na physiologia vegetal, são solidas, porém mais ou menos soluveis n'agua como a albumina a legumina e o cazeum vegetal, que com o calor com facilidade se decompõe e tem muita influencia no desenvolvimento rapido da fermentação e putrefacção.

Putrefactas as materias vegetaes, onde ás vezes apparecem tambem animaes, nellas apparecem não só insectos que dellas se alimentam, como tambem se geram myriades de animálculos microscopicos, de curta duração, que mais ainda ajudam a putrefacção. Um cheiro mais ou menos máo sempre rescende, quando se revolve o humus; que não é sentido geralmente, pelo cheiro que existe nas matas, de flores, folhas, resinas, etc.

Duas épocas notaveis ha no Amazonas; a da vasante e a da cheia, ou das chuvas e da secca. Começa a primeira geralmente no mez de Junho (1) e vai até Outubro ou Novembro, em que começam as chuvas, que vão até Maio, com poucas intermittencias. Durante os primeiros tempos das chuvas é que o rio está vasio, sendo o cumulo da cheia no fim de Maio, começando então a vasante. A causa é a seguinte: as aguas pluviaes formam as grandes cheias, e ellas apparecem quando o rio está na maior vasante, de maneira que chegando este ao maximo da cheia, tem-se acabado as chuvas, continuando o descimento das aguas das nascentes dos afluentes que vão alimentando a cheia até Junho; época que já é de verão. Annuncia-se a cheia pelos repiquetes, ou o primeiro entumecimento das aguas. E' esta mais geralmente a época das febres paludosas, assim como a da vasante. Como vimos a queda das folhas e de arvores seccas, ou quebradas pelos ventos, a presença de insectos e animaes, que morrem, formam pela secca o

(1) Segundo crença popular, começa o descimento das aguas no dia 24 de Junho ou de S. João Baptista.

humus por baixo dos igapós, ou das matas; quando apparecem os repiquetes, isto é quando descem as primeiras aguas, entram pelos igapós e pelas matas, e como não é duradoura essa massa d'agua, horas ou dias depois, conforme a porção que desceu das cabeceiras, ella se escoa e deixa o lugar invadido a secco.

Não são commumente seguidos os repiquetes, de maneira que, o humus humedecido e revoltado pelas aguas, e exposto depois ao sol ou ao calor atmospherico começa a desprender o gaz de hydrogeneo proto-carboretado, que viciando a atmospherica produz o envenenamento palustre. Quanto maior é o numero de repiquetes tanto mais viciado fica o ar, assim como as aguas nos primeiros tempos da cheia; por conservar em dissolução as materias putrefactas, que mais tarde se depositam, tornando-a mais saudavel. Cessam as febres durante a cheia para reaparecerem pela vazante, onde dá-se a mesma circumstancia. Descendo as aguas ficam expostos os terrenos ao sol e ao calor atmospherico, de maneira, que não só pelo humus que ali havia como pelas materias trazidas de outros pontos (1) e que se depositaram, umas em decomposição outras pelo contacto destas entrando em putrefacção começam a exhalar não só o acido carbonico, como o hydrogeneo proto-carboretado, que vicia o ar e causa as enfermidades de que são victimas aquelles que por necessidade, ou infelicidade ali se tem de demorar. Os banhos e a absorpção d'agua então póde-se dizer que é fatal.

Muitas vezes nota-se que em um rio uma margem está infeccionada emquanto outra não, como tive occasião de fazer experiencias no rio Tapajós. A causa é a seguinte: geralmente a corrente é pelo centro do rio, emquanto que as margens não só formam remansos, como tambem ás vezes refluem as aguas em grandes redemoinhos. Se a margem é elevada, não tendo igara-

(1) Na descida das aguas, nas depressões do terreno ficam as vezes pequenos poços, onde com a intensidade dos raios solares, morrem innumeró peixes que ali ficam.

pés, igapós ou lagos, é saudavel; emquanto que, dando-se o caso contrario, é doentia; pelo simples facto de encostada por ella correrem as aguas dos mesmos igapós ou lagos, que ás vezes levam na superficie como que uma camada oleosa.

Muitas vezes nota-se tambem que em lugares seccos, não rodeados destes focos miasmaticos, apparecem as sezões, e por isso suppõe-se não serem devidas á entoxicação paludosa as febres que apparecem, mas, firmado ainda em observações, dou como causa os mesmos gazes, que são trazidos pelos ventos de lugares muitas vezes distantes. Os indigenas, que são os maiores observadores das cousas da natureza que tenho visto, sem indagarem as causas, por isso muito supersticiosos e cheios de fabulas, que sempre tem um ponto de verdade, temem o effeito de certos ventos. Em certos lugares são os ventos norte, em outros os do sul, dos quaes fogem fechando-se em casa quando elles sopram. A pratica lhes mostrou que sempre que sopram certos ventos apparecem as sezões, mas não explicam a razão, nem procuram ver se esses ventos passam por lugares nas circumstancias de que acima fallei. E qual é o lugar no valle do Amazonas que não tem mais ou menos proximo esses focos? Os mais saudaveis são os que são varridos por ventos contrarios. Outra observação fiz: geralmente as febres são mais communs nas regiões encachoeiradas dos rios, como dá-se no Trombetas. Porque? Essas regiões sempre ficam nas cabeceiras dos rios, nos lugares em que o terreno começa a elevar-se, por conseguinte, trazendo sempre as aguas dos igapós e lagos que são geralmente as nascentes desses rios.

E' tão pernicioso o effeito dos gazes desses lugares, que até na vegetação se nota. As arvores não se desenvolvem bem e a chlorophylla quasi desaparece dos orgãos appendiculares, tornando-se estes amarelentos, como se estivessem privados de luz.

Os indigenas annunciam as sezões dos rios dizendo: «*arrebentou a cachoeira*», isto é, começam a correr as aguas da região encachoeirada. E' essa a época peor do

Trombetas, porque é a em que não só as cachoeiras trazem as aguas pestilenciaes das cabeceiras, acarretadas pelas enxurradas, como os lagos e igarapés, despejam no mesmo as suas aguas. Tive occasião de notar que em muitos pontos no encontro das duas aguas um cheiro putrido rescende. Quanto a mim, a causa toda das febres são os numerosos reservatorios d'aguas mais ou menos estagnadas e a accumulção de materias vegetaes e animaes, que as aguas nas enchentes e vasantes levam comsigo. O apparecimento em diversas épocas do anno em um ou outro lugar, assim como a permanencia em outros, é devido á mesma causa. Aqui grandes chuvas extemporaneas, alli a duração, o deposito d'aguas que não puderam seccar. (1)

Feito este rapido estudo sobre o rio Trombetas, concluindo só peço desculpa pela imperfeição deste trabalho, porque o meu pouco saber e a pressa com que foi feito pela necessidade que tinha de dar conta ao governo imperial, não permittiu mais.

A seguinte tabella dá as principaes distancias do rio em milhas inglezas de 20 ao gráo.

DISTANCIAS DO RIO TROMBETA

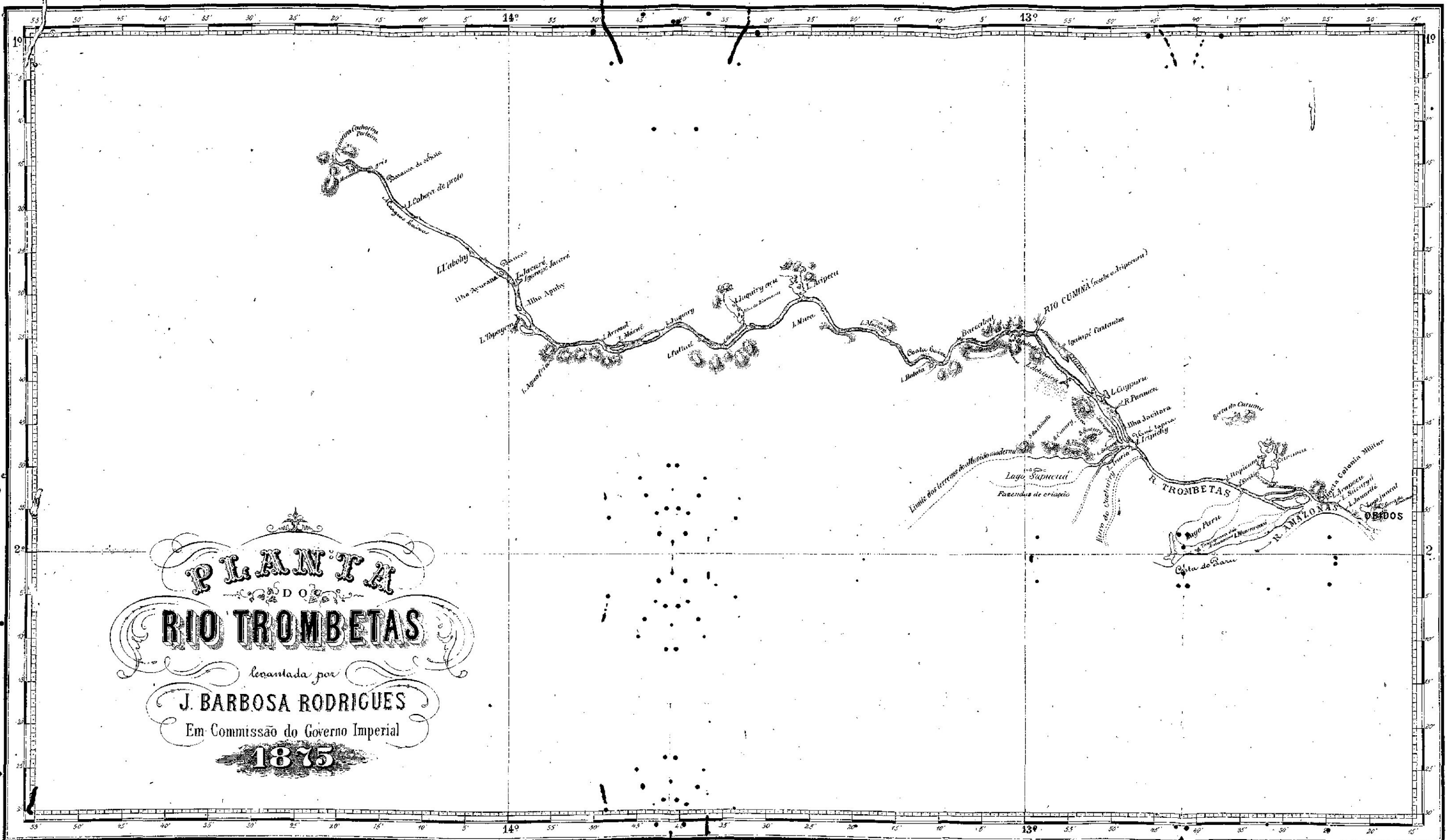
De Obidos á foz do rio Trombetas....	6 1/2 milhas.
Da foz do rio Trombetas a Maria Thereza.....	5 ditas.
Da Maria Thereza ao lago Parú.....	2 1/2 ditas.
Do Parú ao Kirikiri.....	1 dita.
Do Kirikiri ao Itapicurú.....	1 1/2 dita.
Do Itapicurú ao Cachuiry.....	11 ditas.
Do Cachuiry ao Sapucua.....	2 ditas.
Do Sapucua ao lago Caypurú.....	7 ditas.
Do Caypurú ao Cuminá.....	10 1/2 ditas.
Do Cuminá ao Batata.....	13 1/2 ditas.
Do Batata ao lago Mura (ponto da exploração de Parahybuna dos Reis)	16 ditas.
	<hr/>
	77 ou 25 2/3 l.

(1) Em alguns afluentes do Amazonas é infallivel apanhar-se sezões bebendo agua do rio, o que se não dá pelo uso das aguas de cacimba coadas nas aréas das margens; esse simples filtro as purifica.

Do lago Mura ao Aripecú .....	3 milhas.
Do Aripecú ao Juquiryuaçu.....	7 ditas.
Do Juquiryuaçu a Tapagem.....	26 ditas.
Do Tapagem aos baixos de aréa.....	8 ditas.
Dos baixos ao Laranjal.....	18 ditas.
Do Laranjal a Cachoeiras.....	3 ditas.
	<hr/>
	65 ou 21 2/3 l.

Total 142 milhas ou 47 leguas e 1/3 nauticas.

Obidos, 13 de Abril de 1874.— J. Barboza Rodrigues.



**PLANTA**  
DO  
**RIO TROMBETAS**  
levantada por  
**J. BARBOSA RODRIGUES**  
Em Comissão do Governo Imperial  
**1875**